

ROMANCE RANCHO REBEL BLUE

FEITA E DESFEITA

LYLA SAGE

*Para o Leo. O meu Highwaymen,
o meu raio de sol e a minha única gota de chuva.
Sinto a tua falta todos os dias.*

Agradecimentos

Aos meus pais, que apoiaram todas as decisões que tomei, mesmo as mais estúpidas, amo-vos. São a razão pela qual adoro histórias de amor, pela qual consigo escrevê-las e acredito em finais felizes para sempre. Dito isto, por favor, nunca leiam este livro. Eu dou-vos os pontos-chave.

Para a *Stella*: minha cachorrinha angélica. Tens sido a minha companheira de escrita através de trabalhos universitários, poesia amadora triste, uma tese de pós-graduação, todos os livros não terminados que se escondem nas profundezas do meu Google Drive, e agora *Feita e Desfeita*. Amo-te para sempre, mesmo quando empurras o meu portátil para fora do sofá.

Para a minha miúda Lexie: este livro nem existiria sem ti. Obrigada por ouvires todas as ideias que tive e por apoiares cada uma delas. A tua fé em mim podia mover montanhas e, para mim, moveu. Meadowlark foi construída para ti e para o Mav.

À Sydney: manténs-me no bom caminho em tudo e este livro não é exceção. Obrigada por estares presente a cada passo do caminho. Domaste o duende do caos que há em mim e da forma que só uma amiga consegue.

Aos meus irmãos: a mãe zangar-se-ia comigo se não estivessem aqui, por isso, obrigada por não terem amigos giros por quem me apaixonar, acho eu. Ainda assim, acho que são muito porreiros.

Para a minha professora de inglês do sétimo ano e para o clube de escrita da Sunset Junior High: obrigada por terem sido as primeiras pessoas a ler as minhas histórias. Esta história não tem dragões, mas não estaria aqui sem as histórias que têm.

Para as minhas leitoras beta, Amanda e Candace: viram este livro na forma mais pura e não fugiram a gritar. Obrigada por me ajudarem a moldar e a transformar *Feita e Desfeita* em algo que vale a pena ler. Não consigo expressar o quanto vocês as duas significam para mim. Estou incrivelmente grata por tudo. Obrigada!

Emma e Kayla: graças a vocês, nunca me sinto sozinha. Obrigada.

Angie: obrigada pelo teu apoio incondicional ao meu sonho.

Para a minha editora, Tayler: és uma estrela absoluta. Foste a minha companheira, no verdadeiro sentido da palavra, enquanto escrevia este livro. Trabalhar contigo é um prazer e uma honra. Obrigada por tudo.

Para o meu artista de capas incrivelmente talentoso, Austin: fizeste a capa dos meus sonhos. Nunca pensei que a inspiração que tirei dos cartazes de *rodeo vintage* da minha cidade natal se transformasse na capa de livro mais perfeita. Mal posso esperar para ver o que vais fazer com o resto da série.

Aos meus leitores de ARC: obrigada por terem arriscado na minha estreia e por estarem suficientemente entusiasmados para o lerem primeiro. A vossa energia ajudou-me a ultrapassar as últimas semanas antes do lançamento. São mesmo os melhores!

A todos os que apoiaram *Feita e Desfeita* antes do lançamento: obrigada. Gostava de poder abraçar cada um de vocês. O vosso apoio e palavras amáveis significaram tudo para mim. Este livro levou-me a tantas pessoas amáveis, estou muito grata.

Para a pessoa que está a ler isto neste momento: obrigada por teres comprado um exemplar de *Feita e Desfeita*. Espero que a história da Emmy e do Luke te traga alegria, te faça sorrir e talvez até rir. Obrigada por fazeres parte do meu sonho.

E, finalmente, para mim. Conseguiste. Espero que nunca deixes de contar histórias. Estou muito orgulhosa de ti.

Avisos de conteúdos

Este livro destina-se a leitores adultos (18+). *Feita e Desfeita* contém linguagem explícita e conteúdo sexual explícito.

Conteúdo adicional e avisos de gatilhos:

- Ansiedade
- Trauma após lesão
- Consumo de álcool
- Discussões sobre a Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção (PHDA)
- Referência a drogas
- Referências a um ex com comportamento potencialmente controlador
- Morte de um progenitor (no passado, fora de cena)
- Ataques de pânico (um no livro)
- Referências a ambiente tóxico na infância
- Referências a relações parentais tóxicas

Nota da autora

Quando comecei a escrever *Feita e Desfeita*, queria escrever uma personagem com a qual eu, e mulheres como eu, nos pudéssemos identificar. Adoro ler e, tal como tu, já li muitos livros. Há tantas personagens por aí que guardo no coração mas com as quais não me consegui identificar tão profundamente como queria, porque viver dentro da cabeça delas era tão diferente de estar dentro da minha.

A personagem principal de *Feita e Desfeita* chama-se Emmy. A Emmy e eu não temos muito em comum, mas, tal como eu, ela tem PHDA. As diferenças em como os nossos cérebros funcionam podem ser subtis, mas isso não significa que não existam ou não tenham impacto em como vivemos.

Sei que o diagnóstico de PHDA parece diferente para cada um, mas se já tiveste dificuldade em explicar porque deixas literalmente tudo para o último minuto, porque te sentes fora de controlo, porque a tua língua parece não pertencer à tua boca quando a música está muito alta, ou qualquer uma das inúmeras outras coisas que sentimos e fazem parte da PHDA, talvez possas rever-te em *Feita e Desfeita*.

A Emmy e eu estamos do teu lado.

Boa leitura,

Lyla

Dusted /d – uhst – ed/ (calão ocidental): verbo.

Ser atirado de um cavalo.

1

EMMY



– Clementine Ryder, por amor de Deus, se vais choramingar a noite toda, vou levar-te para casa – disse a Teddy.

– Não estou a choramingar! – protestei, apesar de estar mesmo a lamentar-me. Estar em casa tinha esse efeito em mim. Quando a Teddy usava o meu nome completo, também surtia esse efeito. A sério, quem dá o nome de um fruto à única filha?

No que diz respeito a sair à noite, a Teddy não brincava em serviço e nestas ocasiões não valia a pena discutir com ela. Normalmente, não me importava. A Teddy era a minha melhor amiga. Conhecia-me melhor do que eu própria e sabia do que eu precisava antes mesmo de o saber. Quando tomei a decisão, esta manhã, de arrumar o apartamento, acabar com o meu namorado através de um *post-it* no frigorífico e deixar o circuito de corridas de barris¹, conduzi quase 500 quilómetros até à casa dela, na nossa pequena cidade natal.

Ainda nem sequer tinha tirado as malas da carrinha, parada na entrada da casa da Teddy.

Reconheci a estrada de terra batida por onde a Teddy nos levava e desejei de imediato estar na minha carrinha.

– O Devil's Boot? A sério? – perguntei. Eu sabia que não tínhamos muitas opções em Meadowlark, mas gostaria de evitar o Devil's Boot.

¹ Uma corrida de *rodeo* que inclui barris enquanto obstáculos. (*N. de T.*)

A probabilidade de conhecer cada um dos seus atuais clientes era perigosamente elevada.

O meu pai e irmãos ainda não sabiam que eu estava em casa e precisava que se mantivessem na ignorância durante mais algum tempo.

– Sim, o Devil’s Boot. É divertido e estúpido – explicou ela. – E tu precisas de diversão e estupidez, Emmy.

Para ser honesta, o mais provável era precisar mesmo disso, mas a definição de diversão da Teddy fora sempre bastante diferente da minha ao longo da história.

– Sabes o que é divertido? – perguntei. – Vinho e...

A Teddy interrompeu-me e terminou a frase:

– Vinho e *A Diva da Moda*² é divertido. Tens razão – disse ela. – Mas, Emmy.... Estás há um mês fechada no teu apartamento em Denver, a beber vinho e a ver *A Diva da Moda*. Sempre que te via no FaceTime, ouvia o Patrick Dempsey a levar com os pés no altar, e depois via os olhos azuis lacrimejantes dele na minha mente; há limites.

– Essa é a melhor cena de todo o filme – argumentei. – Parte-nos o coração e volta a juntá-lo.

A Teddy colocou a mão sobre o coração. – Não estou a desvalorizar os méritos d’*A Diva da Moda* – disse ela. – Nunca o faria. Só estou a dizer que há uma razão para teres voltado para casa em vez de o veres pela trigésima segunda vez.

Que raio. Odiava quando ela tinha razão.

– Está bem... – concedi. – Mas vais pagar todas as rodadas.

A Teddy riu-se.

– Não estás bem a ver a situação. Por que raio é que haveria de pagar as tuas bebidas, ou as minhas, quando sei que há pelo menos uma dúzia de homens no Devil’s Boot que adoraria pagá-las por nós?

– Estás a sobrestimar os meus poderes de persuasão masculina – disse eu.

– E tu estás a subestimar os meus – disse a Teddy com um piscar de olhos. – Além disso – acrescentou –, tu és a Clementine Ryder, campeã de corridas de barris e membro da família mais amada de Meadowlark.

² Filme americano, nome original *Sweet Home Alabama*. (N. de T.)

O mais provável é o pessoal andar à pancada para ver quem é o primeiro a pagar-te uma bebida, e a mim, por associação.

Soprei, aborrecida.

A Teddy deu-me um dos seus melhores sorrisos.

– Entre a faculdade e as corridas, estiveste fora daqui quase uma década e, quando visitas, só me vês a mim e à família – continuou. – Passaste de queridinha de Meadowlark a mistério de Meadowlark. As pessoas vão ficar felizes por te verem.

A carrinha da Teddy parou. Olhei pela janela para o familiar parque de estacionamento de terra batida. Estava cheio. Claro que estava – era sexta-feira à noite em Meadowlark, Wyoming.

Porque é que o episódio que me levava a abandonar a minha vida em Denver e a regressar a casa não podia ter esperado até segunda-feira?

O Devil's Boot era um dos bares mais antigos do Wyoming e situava-se quase diretamente na fronteira do condado de Meadowlark. Era afastado o suficiente para que os clientes fossem quase sempre locais. Do lado de fora, não parecia grande coisa. Porra, por dentro também não parecia grande coisa. A construção era ao estilo de uma taberna clássica. Havia manchas desbotadas de tinta, excesso de sinais de néon e um bocado de contraplacado pendurado por cima da porta da frente, com uma bota de *cowboy* e um tridente de diabo no interior pintada com *spray*. Na verdade, não dizia Devil's Boot em lado nenhum – nem na porta, nem nos copos de cerveja, nem em nada. Só aparecia a bota solitária e o tridente.

Apesar de ainda estarmos na carrinha, conseguia ouvir a banda. Estavam a tocar uma interpretação de Hank Williams. Ainda eram nove horas, por isso os clássicos de *country* continuariam até que a multidão exigisse êxitos mais recentes, para que pudessem dançar e cantar. Fiz figas para que a Teddy e eu saíssemos dali nessa altura. Mas não tinha grandes esperanças.

– Escuta. – A voz da Teddy era suave, vinda do lado do condutor. – Se não queres mesmo estar aqui, podemos ir embora, mas não consigo pensar em nada melhor do que passar a tua primeira noite de regresso a casa num sítio que, secretamente, adoramos. – Adorava mesmo este sítio, mas de forma involuntária. – A diversão aqui é garantida. Risco baixo, alta recompensa.

Suspirei. Havia uma pequena parte em mim... entusiasmada por estar no Devil's Boot. Por estar em casa.

E uma parte ainda mais pequena que sabia que a Teddy tinha razão. Íamos divertir-nos, as pessoas iam ser simpáticas e provavelmente não teríamos de pagar pelas bebidas. Era esta a segurança que Meadowlark me dava – era previsível. Confortável, até. Duas coisas de que estava a precisar naquele momento.

– O que é que queres fazer, Emmy? – perguntou a Teddy.

Olhei para ela.

– Quero ficar – disse. E queria mesmo.

O sorriso iluminado no rosto da Teddy poderia ter alimentado a electricidade de Meadowlark e todos os condados à volta. Ela pegou na minha mão e apertou-a.

– Esta é que é a minha miúda. Vamos a isto.

Respira fundo, Emmy. Carreguei no puxador do lado do passageiro e empurrei com força. A *Ford Ranger* de 1984 tinha algumas particularidades – uma delas era portas que mal funcionavam.

Assim que as minhas botas tocaram na terra, o nó no estômago começou a desatar-se. Havia algo de reconfortante naquele som. A sensação das pedras sob as solas das botas lembrava-me de que eu estava bem. Era familiar. Tudo era tão estranho ultimamente, mas isto não. A minha casa, não.

Depois de ter passado tanto tempo a planear a minha fuga de Meadowlark, não sabia o que iria sentir ao regressar. Voltei nas férias, nos aniversários e nalguns fins de semana, mas isto era mais permanente. Pensei que me ia sentir presa, como há anos.

Mas não. Senti-me feliz e normal.

Respirei fundo o ar frio da noite. Parecia que o ar que me entrava nos pulmões empurrava o peso no peito.

Ouvi as botas da Teddy a chegarem ao meu lado da carrinha enquanto eu fechava a porta.

– Bolas, Ryder – disse ela. – Quase me esquecia de que és uma brasa. Sorri. Era um sorriso verdadeiro.

Os elogios da Teddy eram os melhores, porque sabia que ela era sempre sincera. A Teddy era honesta, fervorosa e carinhosa. Nunca dizia nada que não fosse a mais pura das verdades.

– Já vou para casa contigo esta noite, Andersen. Não é preciso tanto elogio – disse eu, enquanto entrelaçava os nossos braços. – Fazemos um bom par.

Fazíamos mesmo.

A Teddy e eu éramos inseparáveis desde que o pai dela tinha começado a trabalhar no rancho da minha família, há mais de vinte anos. Apesar de termos passado os últimos quatro anos depois da faculdade em cidades diferentes, falávamos quase todos os dias, e a Teddy fazia a viagem de oito horas até Denver pelo menos quatro vezes por ano. Tinha sorte em ter uma amiga como ela, o tipo de amiga com que a maioria das pessoas só podia sonhar.

Quando apareci hoje na entrada da casa dela, tinha a vida inteira na carrinha. Ela nem sequer pestanejou. Não perguntou nada sobre o apartamento, o namorado ou a carreira que tinha deixado para trás. Alimentou-me com queijo e *Coca-Cola Zero* e deixou-me amuar no sofá durante algumas horas. Depois, bateu as mãos, sinal de que estava na altura de avançar, e disse-me para ir procurar qualquer coisa no armário para vestir, porque íamos sair.

Acabei por escolher um *top* branco simples, agora coberto pelo meu querido casaco de ganga forrado com pele de carneiro, e uma saia de cetim preta do armário da Teddy. A fenda era um pouco mais alta do que estava habituada – ficava mesmo acima do meio da coxa –, mas fazia-me sentir bem. Sensual. Estava a usar botas de *cowboy* pretas que nunca deveriam chegar perto de um cavalo, mas que eram perfeitas para uma noite no bar.

A Teddy vestia um *top* preto de manga curta e calças de ganga azul-claras, que pareciam ter sido literalmente moldadas ao seu corpo. O cabelo cor de cobre estava preso num rabo-de-cavalo alto, que balançava a cada movimento.

– Estás pronta, querida? – perguntou.

Outra inspiração do ar frio do Wyoming. *Está tudo bem, Emmy*, pensei para mim. *As tuas botas já não estão nos estribos. Estás em terra firme.*

– Estou pronta.

EMMY



A sensação de atravessar o limiar do Devil's Boot era a de vestir as minhas calças de ganga favoritas. Tudo aqui... encaixava. Era escuro, sujo e cheirava a fumo de cigarro antigo. Fumar dentro de espaços fechados tornou-se ilegal no Wyoming em 2005, mas ninguém dizia nada se alguém acendesse um cigarro no Devil's Boot de vez em quando.

Afinal de contas, era mesmo um bar rasca, iluminado apenas por uma luz amarela suave por detrás do bar, pelas luzes do palco e uma panóplia de sinais de néon.

Um sinal de néon a cortar a escuridão era qualquer coisa.

O meu favorito era o de um *cowboy* a montar uma garrafa de cerveja como um touro e ficava mesmo por cima da minha mesa alta preferida, no canto. Acho que nunca vi o Devil's Boot à luz do dia e acho que não queria ver. Tudo parecia mais misterioso banhado a néon.

E toda a gente parecia mais bonita. Era isso que metia toda a gente em sarilhos no Devil's Boot.

Depois de alguns passos, senti as botas a colarem-se ao chão – provavelmente a lambuzarem-se com *whisky* derramado há trinta anos – enquanto eu e a Teddy nos dirigíamos para o canto de *cowboys* de néon.

– Muito bem, esta noite vamos beber bebidas claras ou escuras? – perguntou-me a Teddy.

– Claras – disse eu, sabendo que isso significava duas opções no DB: *vodka* ou tequila. E não tinha dúvidas de que a Teddy iria escolher tequila.